

Desenvolvimento sem crescimento

Carlos Luque, Simão Silber, Francisco Vidal-Luna e Roberto Zagha

Valor Econômico, 08/06/2020

A pandemia nos trouxe uma catástrofe econômica que já estava em gestação. Reverte-la exige tomar consciência que foram convicções ideológicas, não diagnósticos cuidadosos, que nos últimos anos inspiraram nossas políticas econômicas

O país está em crise. A saúde, a economia e a sociedade se defrontam com desafios exigindo uma navegação sem farol e sem cartas por mares nunca dantes navegados. Parece impensável discutir o longo prazo quando o curto prazo está em chamas. Mas é importante ter disciplina e entender como chegamos onde estamos e o que deveríamos fazer. O crescimento decepcionante das últimas quatro décadas não causou a pandemia. Mas certamente reduziu os recursos disponíveis para enfrentá-la. Antes da epidemia o Brasil já tinha entrado numa derrapagem na qual ganhos arduamente conquistados na incidência de pobreza estavam se perdendo. A questão é se podemos sair de quatro décadas de desenvolvimento sem crescimento ou se vamos entrar numa 5ª década onde teremos nem um nem outro.

Os que estudam o desenvolvimento econômico diferenciam crescimento, a evolução do PIB per-capita, do desenvolvimento que inclui aspectos mais gerais da evolução de uma sociedade como educação, saúde, distribuição de renda, urbanização, industrialização, diversificação da economia, progresso tecnológico. Há países nos quais a renda per capita aumenta, mas a desigualdade e desnutrição pioram, e a esperança de vida cai.

Os EUA são bom exemplo de crescimento positivo com desenvolvimento social negativo: o PIB per-capita tem subido a 1.8% ao ano desde 1970. Mas a renda mediana das pessoas neste período cresceu a somente 0.6% ao ano. Isto significa que a metade mais pobre da população americana viu sua renda crescer a um-terço das taxas das camadas de renda mais alta. A distribuição de renda piorou, a pobreza também, assim como outros indicadores de bem estar social. A esperança de vida está em declínio há alguns anos. Muitos economistas estimam que a evolução negativa das variáveis sociais reduzirá o crescimento futuro.

Se é verdade que crescimento não é garantia de melhoras sociais, também é verdade que sem crescimento é difícil manter conquistas sociais. A União Soviética é um exemplo bem conhecido. Impulsionado por um crescimento rápido do PIB, em meio século tinha conseguido erradicar o analfabetismo, aumentar a esperança de vida e reduzir a desigualdade herdada dos tempos dos czares.

Mas o capitalismo de estado, sem propriedade privada dos meios de produção e com planejamento sem liberdade de preços e sem mercados, que tinha dado bom resultados até os anos 1970, começou a mostrar suas limitações e a União Soviética perdeu décadas de crescimento. Entre o fim dos anos 80 e meados dos 90 o PIB per capita caiu em mais de 40%, e a esperança de vida caiu 8 anos. A desigualdade e a pobreza subiram.

Apesar de um PIB per-capita quase-estagnado desde 1980, o Brasil progrediu: impulsionados pelos recursos fiscais das vinculações, aumentos reais do salário mínimo, e programas sociais houve ganhos importantes em escolaridade a todos os níveis, a nutrição melhorou, a mortalidade infantil caiu, a esperança de vida subiu, e vários outros indicadores de desenvolvimento social melhoraram. O SUS trouxe saúde a todas

as camadas da população em todo o país. O Bolsa família contribuiu para redução da pobreza e da desigualdade.

O país se urbanizou. A economia se transformou: de importador de alimentos quatro décadas atrás, o Brasil virou celeiro do mundo. Empresas sofisticadas como a Embraer ou Petrobras se desenvolveram, são globalmente competitivas e estão na fronteira tecnológica. As instituições amadureceram e chegaram a níveis de sofisticação dos países avançados. Por último, a inflação, que atormentou a nação durante uma boa parte de sua história, foi controlada.

Se do lado social e modernizante o progresso é animador, do lado econômico a evolução do Brasil é decepcionante. Até 1980 o Brasil tinha um dos crescimentos mais rápidos do mundo. Mas entre 1980 e 2018 a taxa de crescimento do PIB per capita do brasileiro foi de apenas 0.7% ao ano. No mesmo período a taxa de crescimento do PIB per capita do coreano foi de 5% ao ano. A renda per capita do brasileiro era mais de duas vezes a do coreano em 1980. Agora a do coreano é mais de duas vezes a do brasileiro. Desde 2013 a renda per capita do brasileiro caiu de 10%.

A perda de fôlego do crescimento está associada a fraquezas estruturais. A indústria está desaparecendo: de 30% do PIB em 1980 caiu a menos de 10%. As exportações de manufaturados, que tinham atingido dois-terços das exportações, caíram a um terço. O setor financeiro é superdimensionado, cobra taxas exorbitantes e é pouco competitivo. Enquanto no mundo inteiro as economias se abriram, a do Brasil se fechou. O investimento público e privado está abaixo da depreciação do estoque de capital. No mercado de trabalho a informalidade predomina.

Poderão os indicadores sociais do Brasil continuar melhorando na ausência de uma retomada do crescimento? Improvável. A continuação da melhoria da situação social do país requer recursos, requer empregos, requer salários reais crescentes e requer investimentos em saneamento, transportes, melhorias de moradia, etc. que só podem ser obtidos com crescimento. A redução da pobreza conseguida até 2013 está sendo revertida. Sem crescimento econômico acelerado o país não poderá manter as conquistas feitas na área social, e retrocessos são inevitáveis. Melhorias sociais sem crescimento tem folego curto.

O que causou a parada do crescimento? Entre 1980-1994 foram erros na gestão da dívida externa, e incompreensão do fenômeno inflacionário só resolvida com o Plano Real. Mas as políticas macroeconômicas, necessárias nos primeiros anos do Plano Real, foram mantidas bem além de sua vida útil: taxas de juros as mais altas do mundo, investimento público mínimo, e uma taxa de câmbio cronicamente apreciada. Houve uma convicção que contração fiscal levaria à expansão econômica: uma crença revelada tão simplista quanto errônea.

A pandemia nos trouxe uma catástrofe econômica que já estava em gestação. Reverte-la exige tomar consciência que foram convicções ideológicas, não diagnósticos cuidadosos, que nos últimos anos inspiraram nossas políticas econômicas.

Carlos Luque é professor da USP e presidente da Fipe

Simao Silber é, professor da USP

Francisco Vidal-Luna é professor da USP, aposentado

Roberto Zagha foi professor da USP.